



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 14 N. 02 2018

Literatura e a emergência do político

## Olavo Bilac vive

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa<sup>1</sup>

Qual de vós, irmãos, não escreve todos os dias quatro ou cinco tolices, que desejariam ver apagadas ou extintas? Mas, ai! de todos nós! Não há morte para as nossas tolices! nas bibliotecas e nos escritórios dos jornais, elas ficam – as pérfidas – catalogadas; e lá vem um dia em que um perverso qualquer, abrindo um daqueles abomináveis cartapácios, exuma as malditas e arroja-as à face apalermada de quem as escreveu...”

O. B *Gazeta de Notícias*, 13 jan. 1901.

O livro *Bilac vivo* reúne onze artigos dispersos em várias publicações que, juntos, oferecem ao leitor a dimensão do exaustivo trabalho de leitor e pesquisador de jornais, desempenhado por Álvaro Santos Simões Jr. ao mesmo tempo que tenta construir um perfil da obra deste escritor polêmico, cuja produção e vida foram questionadas e censuradas em alguns momentos da historiografia literária brasileira.

Ao retomar Bilac a partir dos jornais e periódicos, Simões Jr. demonstra que não há como reescrever a história da literatura do século XIX e início do XX, sem que se tomem os periódicos, não apenas como fonte primária, mas também como suporte que formulou gêneros literários, desenhou o perfil dos leitores e das leitoras, além de ter construído e testemunhado a vida profissional de vários escritores, como revela esse pequeno trecho de uma crônica de Bilac, publicada na *Gazeta de Notícias* (02 ago. 1903):

Hoje, não há jornal que não esteja aberto à atividade dos moços. O talento já não fica à porta, de chapéu na mão, triste e encolhido, farrapão e vexado, como o mendigo que nem sabe com o há de pedir esmola. A minha geração, se não teve outro mérito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fez da imprensa literária uma profissão remunerada, impôs o trabalho. [...]. Hoje, – oh! Espanto! Já há jornais que pagam versos.

---

<sup>1</sup> UFPB/CNPq.

Hoje, o Brasil do século XXI vê com surpresa a revisão de vários paradigmas da história da literatura, construídos sobretudo nas décadas de 40 e 50 nas faculdades de Letras do Rio de Janeiro e de São Paulo. Preocupados com “literalidade”, valor estético e outros conceitos alheios à *Belle Époque* brasileira, os historiadores relegaram ao limbo da história vários escritores e escritoras, entre as quais Julia Lopes de Almeida, Josephina Álvares de Azevedo, Pardal Mallet, Luís Murat e Olavo Bilac, entre outros.

Assim, restaurar as publicações desses autores nos jornais e periódicos significa trazer para o presente, além de uma produção de autores “mortos” para a história e cultura brasileiras do período, modos de ler e de escrever da época. Bilac resume em uma frase o que foi a virada do século XIX para o XX: “uma cidade sem jornais é uma cidade morta, é um mecanismo sem ação, é um corpo sem vibração de sensibilidade e de motilidade” (*A Notícia*, 1º jun. 1904, p. 2).

No empenho de comprovar que Bilac permanece *vivo*, Álvaro Simões Jr. tem investigado por mais de duas décadas as múltiplas faces desse que foi um típico Homem de Letras de fins do Dezenove e desde então tem se debruçado sobre a miscelânea dos escritos bilaquianos em outros ramos da literatura, entre os quais a crônica, a literatura didática, a oratória, a produção publicitária e a poesia satírica.

O título *Bilac vivo* também responde a uma pergunta feita por Regina Zilberman, que prefaciou o livro *A sátira do Parnaso* (2007) e sabia do interesse do pesquisador pelo autor de *Via Láctea*. A pergunta simples, “E Bilac, como vai?”, ao que respondeu: “Cada vez mais vivo!”. (SIMÕES, 2017). Para Álvaro, “mais do que um adjetivo, a palavra *vivo* do título seria, assim, um verbo no presente do indicativo e equivaleria a uma confissão de caráter pessoal”.

Assim, é fácil perceber, a partir da sua leitura, que este livro é a mais completa tradução de um apaixonado por Bilac, por sua poesia e, sobretudo, pela sua produção em jornais e periódicos. O escritor que Álvaro Simões traz para o leitor é complexo, múltiplo e de uma riqueza impensável para os manuais de história da literatura brasileira. Bilac vivo é um viajante, um cronista, um homem de letras empenhado nas questões sociais e políticas.

*Bilac vivo* apresenta certo caráter biográfico, e o que se representa é um Bilac complexo, moderno e múltiplo. Álvaro Simões Jr. explora vários momentos da vida do poeta, sem qualquer restrição no que tange a explicar alguns de seus escritos a partir de

seu ponto de vista, de suas crenças e até mesmo de seu amor por Amélia, irmã de Alberto de Oliveira, com quem iniciara um namoro em 1885.

Esta perspectiva de abordagem da obra do cronista considerando primeiramente os dados da sua vida e o seu lugar como jornalista explica, por um lado, fatos já conhecidos da sua história, como a do poeta, do político e do educador e autor de livros didáticos. Por outro, apresenta elementos que favorecem compreender a obra do poeta à luz do que significava produzir para jornais na época. Enfim um homem do seu tempo que usa as páginas do jornal não só para compor crônicas e poesias, mas também para ganhar dinheiro com propaganda:

“O século XIX e a Casa Werneck”

Às portas da morte, o Século,  
Coitado! entra em agonia...  
Já vem perto o último dia,  
Perto a última hora já vem.  
E como o **José Veríssimo**  
Lhe contou a história em prosa,  
– Vou essa história famosa  
Contar em verso também.

[...]

Terás Peitoral Balsâmico,  
Terás Cola Fosfatada,  
Terás Cáscara Sagrada!  
Levanta-te calhambeque,  
Terás o Vinho de Quinium  
Todos os Sais de Quinino,  
E terás a Kresolina,  
A Kresolina Werneck!

O que chama a atenção neste capítulo, especificamente, não é só o fato de Olavo Bilac ter traído a sua musa parnasiana e de ter vendido o seu verso para promover o elixir da Casa Werneck, mas o caráter dialógico (BARBOSA, 2007) por excelência que as publicações em jornais e periódicos mantiveram no século XIX. Desde as grandes batalhas, consagradas pela historiografia da literatura brasileira, até os escritos mais corriqueiros, como poesias, cartas e até anúncios. No caso em questão, o poeta da *Via Láctea* aproveita o ensejo para fazer paródia a uma série de artigos que José Veríssimo escrevera no *Gazeta de Notícias* de 1. jan. a 6 dez. 1899, no qual tentou dar conta de tudo o que ocorrera naquele século.

O Bilac vivo era um homem de modas, antenado a todas as tendências do seu tempo. Uma delas foi a moda da conferência que produziu muitos êmulos e se tornou uma epidemia insuportável, de acordo com Medeiros de Albuquerque (1942, p. 245, Apud SIMÕES Jr., p. 160). O capítulo sobre as conferências, “Mundanismo e

patriotismo na oratória bilaquiana”, além de apresentar várias faces de um mesmo autor, retoma as práticas de sociabilidade e de circulação da literatura e da cultura na *Belle Époque* carioca.

Bilac publicou de 1900 a 1908, diariamente, sua coluna “Registro”, no vespertino carioca *A Notícia*, dessa, Simões Jr. faz um capítulo só sobre a “Cultura popular no *Registro*”. Fica a lacuna sobre o que o motivou a escolher esse tema para pesquisar nas crônicas da coluna, mas isso não diminui o valor da sua análise e investigação. O autor conseguiu selecionar alguns temas abordados por Bilac: capoeira, festa da Penha, entrudo e maxixe. Viajando entre a cidade e o subúrbio, mesmo com o olhar preconceituoso, o cronista apresenta um Rio de Janeiro com vida e cultura, para além da Avenida Central e do Teatro Municipal.

Regina Zilberman (2006), em uma resenha no *Jornal do Brasil*, afirmava que “ainda não foi completada a história que narra a dívida da literatura brasileira para com o jornalismo, especialmente no século XIX”. O livro *Bilac vivo* paga um pouco dessa dívida da história da literatura tanto com relação ao autor quanto com o jornalismo. Hoje temos Bilac, mas amanhã Alberto de Oliveira, Júlia Lopes de Almeida ou Josephina Álvares de Azevedo poderão ressurgir do limbo literário e aos poucos a história da literatura vai pagando a dívida que tem com os jornais e periódicos.

O livro está disponível na forma digital, e pode ser baixado gratuitamente com uma simples inscrição no site da Editora da Unesp. Dois aspectos deixam a desejar, no que tange à sua leitura. Primeiro, a falta do número de páginas, que impede a citação completa de passagens dos textos; o outro diz respeito ao fato de o autor não usar nas passagens retiradas dos jornais a norma da ABNT para este suporte e fazê-lo usando o idem, indicado para livros. Isso, contudo, não retira o mérito e a importância do trabalho, fundamental para a compreensão de um autor, de uma época e de um suporte.

## Referências

ALBUQUERQUE, J. J. M. e. *Quando eu era vivo...* Memórias (1867-1934). Porto Alegre: Globo, 1942.

BARBOSA, Socorro de Fátima P. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006. 3v.

SIMÕES Jr. Álvaro. *Bilac vivo*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2007. Disponível em  
ZILBERMAN, Regina. Literatura de rodapé (ou) o jornal como suporte literário. In:  
*IDÉIAS, JORNAL DO BRASIL*, 8 de novembro de 2003. Acesso em 25/07/2006.